

Estudo do INCA identifica mecanismo de replicação do HIV

O mecanismo que confere ao vírus HIV alta capacidade de reprodução logo no início da infecção foi identificado em um estudo desenvolvido por pesquisadores do INCA, em parceria com instituições dos Estados Unidos e África do Sul. A conclusão do grupo foi publicada na revista oficial da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, *Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA*.

“A principal contribuição deste estudo é mostrar que a ligação entre uma proteína viral específica e uma molécula chamada integrina, presente nas células T de defesa, induz a replicação do vírus HIV no intestino e torna as células T mais susceptíveis à infecção”, resume Livia Ramos Goes, autora principal da pesquisa e bióloga do INCA.

Livia vem se dedicando ao tema desde 2015, quando começou o doutorado-sanduíche no Laboratório de Imunorregulação, na cidade de Bethesda, vinculado ao Instituto de Saúde dos Estados Unidos (NIH). Embora o



Marcelo Alves Soares e Livia Ramos Goes são dois dos autores da pesquisa

HIV tenha alta capacidade de mutação, o conhecimento sobre suas ligações e ativações pode contribuir para o futuro desenvolvimento de uma vacina.

“As pesquisas demonstraram que, além de facilitar a infecção pelo vírus, a ligação da proteína viral com a integrina dispara um sinal nas células T, que se reproduzem mais rapidamente. Assim, conseguem infectar o corpo por inteiro”, explica Marcelo Alves Soares, pesquisador do INCA e coautor do estudo.

O HIV é listado pela Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (Iarc, na sigla em inglês) como carcinógeno do tipo 1, que provoca indiretamente diversos tipos de câncer. Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 920 mil pessoas vivem com o vírus hoje no Brasil: 89% receberam diagnóstico, 77% fazem o tratamento antirretroviral e 94% das pessoas em tratamento não transmitem o HIV por terem atingido carga viral indetectável.

Ensaio clínico testa produto para prevenir radiodermatite

Pesquisadores do INCA desenvolvem um estudo que se propõe a testar a eficácia de um protetor cutâneo em *spray* na prevenção e no combate à radiodermatite severa em pessoas que tratam tumores de canal anal e reto. O quadro é caracterizado por alterações na pele provocadas pela radioterapia que podem evoluir para queimaduras graves. No caso desses pacientes, o problema é agravado pela ocorrência de diarreias e secreções com acidez prejudicial à pele.

Usado para tratar diferentes lesões, o protetor cutâneo em *spray* forma uma barreira protetora que preserva a integridade da pele. Por esse motivo, foi escolhido como objeto da pesquisa, que tem como autora principal a enfermeira do HC I Fabiana Verdán Simões. É o primeiro ensaio clínico liderado por um enfermeiro no ambulatório de Radioterapia da unidade.

“Há uma prevalência maior da radiodermatite nos casos de câncer do canal anal e reto. Quando as lesões são



Grupo estuda a eficácia de um protetor cutâneo em *spray* na redução das sequelas da radioterapia

mais graves, os médicos precisam interromper o tratamento para esperar as feridas melhorarem, e essa interrupção pode ocasionar falha no controle local da doença”, explicou Fabiana.

A visita de iniciação do projeto - a primeira reunião da equipe, que marca o início da coleta de dados - foi realizada no auditório da Coordenação de Pesquisa, em dezembro. A duração prevista do estudo, que busca evidências científicas para o uso rotineiro do produto na prevenção de radiodermatite, é de um ano.

O grupo reúne, ainda, três enfermeiros do Serviço de Radioterapia, uma enfermeira do ambulatório de Urologia, duas residentes de enfermagem e dois médicos radio-oncologistas do HC I, além de um bolsista de iniciação científica e um professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e uma professora da Universidade Federal Fluminense (UFF).